

## IMPRESSÕES FEMININAS SOBRE A PRESENÇA DA MULHER NA CAPOEIRA

**KATIUSCIA MELLO FIGUERÔA**

Universidade Federal do Paraná / Brasil  
[ktmello@gmail.com](mailto:ktmello@gmail.com)

**MARCELO MORAES E SILVA**

Universidade Federal do Paraná / Brasil  
[moraes\\_marc@yahoo.com.br](mailto:moraes_marc@yahoo.com.br)

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo levantar subsídios para pautar, discutir e interpretar os problemas que ainda existem no que se refere à participação feminina no universo capoeirístico, bem como identificar qual é o lugar que a mulher ocupa atualmente nesta modalidade. O estudo se fundamentou nas pesquisas quantitativa e qualitativa, utilizando a análise de documentos e um questionário semiaberto dirigido às protagonistas dessa história – capoeiristas que avaliam e expõem fragmentos de suas vivências em todos os âmbitos da Capoeira. A título de conclusão o artigo aponta que ainda existem muitas barreiras e limitações para a participação feminina na Capoeira e que muitas delas são construídas pelas próprias mulheres, que se discriminam e subestimam pela falta de apoio ou motivação dos seus mestres, locais de trabalho e da sociedade de forma geral ou porque pensam que não devem praticar e aprender uma arte marcial ou autodefesa, achando que isso poderia as tornar menos femininas.

**Palavras-chave:** Mulher; Capoeira; Esporte.

### Impresiones femeninas acerca de la presencia de la mujer en la capoeira

#### Resumen

El presente artículo tiene como objetivo buscar subsidios para pautar, discutir e interpretar los problemas que aún existen en lo que se refiere a la participación femenina en el universo de la Capoeira, así como identificar cuál es el lugar que la mujer ocupa actualmente en esa modalidad. El estudio se basó en los métodos cuantitativo y cualitativo, utilizando el análisis documental y un cuestionario semiabierto dirigido a las protagonistas de esa historia – capoeiristas que evalúan y exponen fragmentos de sus experiencias en todos los ámbitos de la Capoeira. Como conclusión, el artículo apunta que aún existen muchas barreras y limitaciones para la participación femenina en la Capoeira y que muchas de ellas son construidas por las propias mujeres, que se discriminan y subestiman por falta de apoyo o motivación de sus maestros, locales de trabajo y de la sociedad en general o porque piensan que no deben practicar y aprender un arte marcial o autodefensa, creyendo que eso podría hacerlas menos femininas.

**Palabras clave:** Mujer; Capoeira; Deporte.

### Women's impressions on the female presence in capoeira

#### Abstract

This article aims to raise subsidies for rule, discuss and interpret the problems that still exist with regard to female participation in the universe of Capoeira, as well as identify which is the place that women held in this modality nowadays. The study was based on quantitative and qualitative research, using document analysis and semi-open questionnaire addressed to the protagonists of this story – female capoeiristas who evaluate and expose fragments of their experiences in all aspects of Capoeira. In conclusion, the article points out that there are still many obstacles and limitations to women's participation in Capoeira and many of them are built by themselves, that discriminate and underestimate themselves because of the lack of support or motivation of their masters, workplaces and society in general or because they think that they should not practice and learn a martial art or self-defense, thinking that it could make them less feminine.

**Key-words:** Women; Capoeira; Sport.

## Introdução

O preconceito em relação às mulheres é algo que está fundamentado na história (Scott, 1995; Rago, 1998; Nicholson, 2000; Louro, 2004). Moraes e Silva (2008) argumentam que uma vertente destas produções feministas, principalmente as que operam com o conceito de gênero<sup>1</sup>, apontam para a existência de inúmeras relações de poder que fazem com que os homens sejam identificados com características como coragem, racionalidade, atrevimento e audácia, enquanto as mulheres são distinguidas e se distinguem como supostamente mais emotivas, indecisas, medrosas, enfim, com qualidades opostas às masculinas. Este conjunto de reflexões sobre o conceito de gênero sinaliza que dentro do par binário masculino/feminino o primeiro modelo é sempre o exemplo a seguir.

As questões referentes ao gênero são temas muito discutidos em todas as esferas da vida e compreendem os espaços doméstico, profissional, social, intelectual, artístico e, logicamente, o esportivo. Conforme apontam o estudo de Moraes e Silva; Fontoura (2011) durante muitos anos as mulheres foram proibidas de participar em qualquer atividade esportiva. Os argumentos utilizados giravam em torno de sua fragilidade/incapacidade biológica, sua condição materna, masculinização corporal e contestação de sua heterossexualidade. Apesar de as mulheres terem rompido diversas destas fronteiras de gênero<sup>2</sup> no cenário esportivo atual e participarem em competições em quase todas as modalidades, tal fator não sinaliza que sua participação seja completamente aceita nesse ambiente. Inúmeras questões e preconceitos ainda pesam sobre as mulheres atletas (Mourão, 2002; Knijnik, 2003; Devidé, 2005).

<sup>1</sup> Joan Scott foi uma das primeiras teóricas a construir uma conceituação de gênero: “Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. (Scott, 1995: 86).

<sup>2</sup> Scott (1995) argumenta que os homens e as mulheres não cumprem sempre, nem literalmente, as prescrições atribuídas como adequadas para os sexos sistematizadas pelo conceito de gênero. Sendo assim, seria este não cumprimento das prescrições o que se convencionou chamar de rompimento de fronteiras de gênero.

Da mesma forma, conforme apontam Pires de Oliveira e Leal (2009), toda essa configuração histórica afetou a esfera capoeirística e, se existem insuficientes referências sobre a história da Capoeira, a questão se agrava quando a temática se debruça sobre a mulher capoeirista (Barbosa, 2005a; 2005b; Fernandes; Silva, 2009). Devido a estas questões, o presente estudo objetiva levantar subsídios para pautar, discutir e interpretar os problemas que ainda existem no que se refere à participação feminina na Capoeira e identificar qual é o espaço que a mulher ocupa nessa modalidade.

## Metodologia

Para a realização do estudo foi utilizada a análise de documentos (livros, artigos, dissertações e teses) e páginas *web* referentes à mulher no âmbito esportivo e especialmente, no capoeirístico. O outro recurso metodológico utilizado foi a modalidade de questionário semiaberto, aplicado a 50 mulheres capoeiristas de diversos grupos, localizados nos seguintes países: Brasil, Colômbia, Equador, Espanha, México e Portugal<sup>3</sup>. O mesmo teve o intuito de averiguar o que estas mulheres pensam sobre si e sobre a atividade que praticam. A entrevista foi enviada a uma lista particular de *e-mails* e constou de 34 questões abertas e 2 de múltipla escolha, que foram divididas em 5 categorias: Identificação e Introdução na modalidade; Objetivos na prática da Capoeira; Valorização e desempenho; Preconceito/discriminação; Semelhanças e diferenças entre homens e mulheres praticantes de Capoeira.

Para este artigo optou-se por analisar apenas as categorias “Identificação e Introdução na modalidade” e “Valorização e desempenho da mulher na Capoeira” para que, a partir destas primeiras análises, surjam novas questões que darão origem a novos estudos e reflexões.

## A presença feminina na capoeira

Na época do Brasil Colônia, a República do Quilombo dos Palmares e outros mais contavam com mulheres guerreiras para sua resistência. Diz-se que muitas dominavam a arte da Capoeira. Algumas delas são lembradas por Schumaker; Brazil (2000) por sua bravura, como Aqualtune, princesa do Congo que liderou um exército de 10.000 homens do qual fazia parte na linha de frente de batalha para defender

---

<sup>3</sup> Em um primeiro momento foram enviados questionários somente a capoeiristas brasileiras e, devido às poucas respostas obtidas, decidimos enviar a capoeiristas de outros países. Acredita-se que questões culturais ou sociais de cada país não influenciaram a pesquisa nessa primeira etapa que analisou as categorias “Identificação e Introdução na modalidade” e “Valorização e desempenho da mulher na Capoeira”, já que os professores de Capoeira que lecionam em tais países, assim como seus grupos de Capoeira, são todos brasileiros e seguem as mesmas práticas, regras e filosofias de suas matrizes no Brasil. Da mesma forma, o objetivo do estudo é identificar o espaço ocupado pela mulher na Capoeira e não realizar um estudo comparativo entre as praticantes de distintos países.

o reino quando foi invadido pelos Jagas. Derrotada, foi levada como escrava a Recife em um navio negreiro; Teresa do Quariterê, que foi mulher de José Piolho, chefe do Quilombo do Piolho ou Quariterê em Guaporé, Mato Grosso, no século XVII. Quando seu marido faleceu, ela assumiu o comando do Quilombo e Dandara, que foi esposa de Zumbi e mãe de seus três filhos, auxiliou seu marido com táticas e estratégias de guerra e lutou em Palmares, onde se diz que havia várias mulheres que jogavam Capoeira no século XVII.

Temos ainda como destaque entre as bravas mulheres de nosso passado a Escrava Anastácia, um mito que, por não aceitar os constantes abusos por parte de seu capataz, foi obrigada a viver o resto de sua vida com uma máscara de ferro. Chica da Silva, que recebeu sua liberdade, casou-se com um homem branco da alta sociedade mineira e soube impor-se na sociedade branca da época e Maria Felipa de Oliveira, que segundo Farias (2010), foi uma mulher simples e do povo, que viveu na ilha de Itaparica (BA) e que com seus 22/23 anos em 1823, durante a luta do povo baiano contra o domínio português, liderou um grupo de quarenta mulheres na queima de quarenta e duas embarcações de guerra portuguesas na praia do Convento, prontas para atacar Salvador. Especula-se que era uma capoeirista habilidosa e uma marisqueira esforçada.

Da história mais recente, entre os anos 1940-1960, destacam-se algumas precursoras na arte da Capoeira, que foram Calça-Rala, Satanás, Nêga Didi e Maria Pára o Bonde, das quais algumas tiveram que disfarçar-se de homens para poder frequentar o ambiente masculino das rodas de Capoeira (Menezes, s/d).

Era muito complicado para estas mulheres capoeiristas estar no meio de um mundo masculino. Afinal, o campo das práticas corporais, sobretudo, as esportivas, conforme apontam Messner; Sabo (1994), Scharadrodski; Narodowski (2006) e Moraes e Silva (2008), é um território masculino por excelência e um espaço produtor de determinadas masculinidades e as mulheres que quisessem adentrar neste lócus, teriam que quebrar fronteiras de gênero. Nesse sentido, conforme apontam Fernandes; Silva (2009), os homens capoeiristas pensavam que elas estavam invadindo seu território e não facilitavam as coisas para que elas pudessem participar. A sociedade ainda piorava a situação, já que estas mulheres que se comportavam e faziam “coisas de homens” eram mal vistas.

Não existe muita precisão na história por haver poucos registros, mas nos poucos que há, a mulher aparece em posições subalternas na Capoeira – participando nos coros, da organização e realização de eventos nos bastidores, etc. Apesar disso, a mulher também lutou muito pela Capoeira (Barbosa, 2005b; Pires de Oliveira; Leal, 2009).

Alguns dos problemas que podemos perceber na participação feminina na Capoeira é que ainda existe muita desistência, desunião, competitividade, falta de incentivo das próprias mulheres, agressividade e a ideia de que as capoeiristas se masculinizam (Fernandes; Silva, 2009). Goellner

(2003), por exemplo, argumenta que a “masculinização” das mulheres é um termo que parecia sugerir não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres, mas também na sua própria aparência, e que se julgava e julga-se o quão feminina é uma mulher pelo aspecto do seu corpo.

O estereótipo masculinizado da mulher é uma questão importante no ambiente das artes marciais (Ferreti; Knjinik, 2007). Houve certo período em que era “moda” entre mulheres capoeiristas fazer uso de diversos produtos, lícitos ou ilícitos, para ter o corpo definido e forte e com isso romper fronteiras de gênero dentro deste espaço masculinizado.

Em diversos videogames de luta, conforme aponta Mello (2010) aparecem mulheres capoeiristas e praticamente todas têm corpos esculturais e atléticos, podendo influenciar as jovens praticantes dessa modalidade, mas ao mesmo tempo podemos averiguar certo apelo erótico presente nestas personagens, que além de serem brilhantes lutadoras, quase sempre vestem roupas mínimas, mostrando toda sua sensualidade. Apesar disso, a autora lembra que é possível haver algum valor positivo nesse tipo de influência, já que ajuda a mudar a mentalidade sobre as funções masculinas e femininas. Estes jogos apresentam mulheres fortes, que lutam e que podem ser vencedoras e, assim, podem romper as prescrições de gênero.

Na situação atual da mulher na Capoeira podemos observar que recentemente estão sendo realizados muitos encontros femininos, o que parece ser uma posição de destaque no meio capoeirístico, mas que na verdade pode ser um indício de preconceito e exclusão da mulher, que necessita uma roda e/ou um evento exclusivo para poder “aparecer”, estar cômoda e discutir a discriminação sofrida.

Outro aspecto discriminatório que se detecta é na parte musical, quando “cantam” a mulher como causadora de problemas e discórdia entre os homens, como símbolo de maldade e falsidade. Por exemplo, nas cantigas, quando um homem é comparado a uma cobra é porque é bom jogador, astuto e rápido; por outro lado, se é uma mulher, é porque é traiçoeira, mentirosa e venenosa. Sobre a representação da mulher nas cantigas de Capoeira existe o estudo realizado por Maria José Somerlate Barbosa (2005a), professora de literatura e cultura brasileira da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos. A autora afirma que as letras das canções muitas vezes destacam o poder masculino e menosprezam a mulher. Algumas canções frequentemente codificam valores morais e sociais ao descrever a mulher como uma coisa possuída, ser inferior, objeto de prazer sexual e/ou estorvo para o bem-estar masculino. Já o homem é descrito como aquele que dita as normas de comportamento, geralmente determinando o que a mulher pode ou não vestir, se deve ou não cortar o cabelo, usar maquiagem e/ou trabalhar fora de casa. Ainda segundo Barbosa (2005a) as únicas imagens da mulher nas canções tradicionais de Capoeira em que ela não é desprezada e/ou criticada aparecem naquelas que se referem às típicas figuras femininas de mãe, da avó ou de Nossa Senhora. Neste caso ela é reverenciada e colocada em um plano superior. A autora analisou 397 canções para o seu estudo e aproximadamente 25% se refere à mulher. Entre esta porcentagem, 12%

mencionam a mãe ou a avó como fonte de apoio emocional e 5% invocam a Virgem Maria, a suprema representação da figura maternal.

Atualmente as capoeiristas estão questionando as letras tradicionais em que a afirmação da masculinidade se faz por meio da negação da mulher. Por exemplo, muitas mulheres se negam a cantar certas canções, modificam as letras e até compõem suas próprias canções. Essa inversão mostra a contestação feminina de determinadas fronteiras, buscando uma maior igualdade dentro da roda e para lembrar e manifestar que hoje as mulheres já constituem aproximadamente 40% das pessoas que jogam/estudam a Capoeira (Barbosa, 2005a).

Barbosa (2005a) finaliza seu estudo apontando que a presença da mulher nas academias e clubes (pelo menos no Brasil) está começando a mudar a dinâmica das rodas de Capoeira, contribuindo para que as canções tradicionais sejam reavaliadas e para que novas canções substituam aquelas em que a mulher é rebaixada e subestimada. Argumenta também que já existe um maior equilíbrio entre a energia feminina e masculina nas rodas.

Um bom exemplo para as praticantes desta modalidade é o de Carolina Soares, que tem alguns CDs de Capoeira gravados. Entre eles está seu primeiro disco “Músicas de Capoeira” que traz uma mensagem às mulheres:

Um dos objetivos deste CD foi fazer com que a mulher, uma vez mais, ocupe seu lugar neste universo, e que a capoeira ganhe um presente digno da grandeza de sua arte. Este é o primeiro CD feminino de capoeira e foi concebido através da visão de uma artista. O caminho está sendo aberto para que os próximos trabalhos sejam também delas, as capoeiristas. Axé, Carolina Soares (Soares, s/d).

Em alguns *sites* de Capoeira<sup>4,5</sup> aparecem depoimentos de mestres e professores que dizem que as mulheres ainda não conseguem desempenhar o papel de gênero dentro das rodas. Fazem somente o que os homens ditam, são agressivas para inspirar respeito e/ou mostrar que são realmente capoeiristas dignas de respeito. Em um destes *sites* há um mestre, por exemplo, que diz que a mulher na Capoeira não atua como a mulher nos outros esportes<sup>6</sup>.

Como visto anteriormente as mulheres esportivas têm rompido diversas prescrições sistematizadas pelo conceito de gênero. Um bom exemplo desta maior inserção feminina na Capoeira são alguns grupos que já têm mulheres – Mestras e Contramestras<sup>7</sup> – em sua direção. Como examinaremos a seguir nos resultados da pesquisa, essa realidade ainda é rara devido à dificuldade das

<sup>4</sup> Fonte: <<http://www.jogodemandinga.com/a-mulher-na-capoeira/>>.

<sup>5</sup> Fonte: <<http://portalcapoeira.com/Capoeira-Mulheres/rivalidade-feminina-nas-rodas/>>.

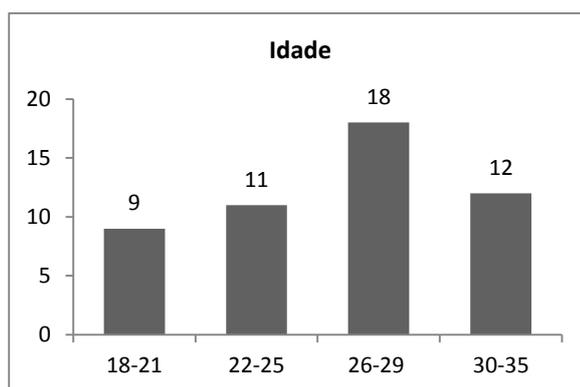
<sup>6</sup> Fonte: <<http://www.listas.cev.org.br/cevcapoe/2001-05/msg00047.html>>.

<sup>7</sup> Termos existentes segundo a Academia Brasileira de Letras.

mulheres em alcançar esses graus dentro da Capoeira. Da mesma forma, analisaremos outros aspectos referentes à participação feminina nessa modalidade.

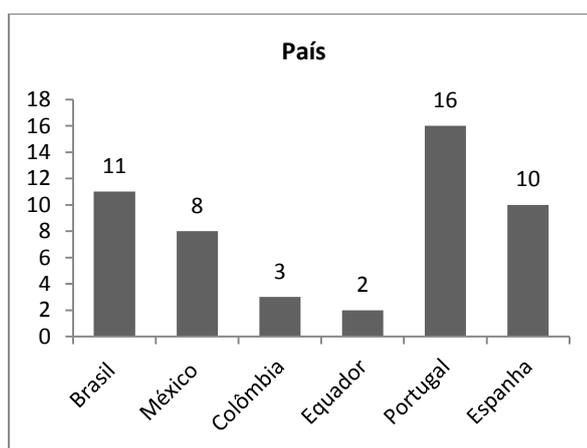
### O que dizem as capoeiristas

Na entrevista realizada e como mostra o gráfico abaixo (*Gráfico 1*) 36% (18) das capoeiristas tinham entre 26-29 anos, 24% (12) de 30-35 anos, 22% (11) de 22-25 e 18% (9) de 18-21 anos.



*Gráfico 1*

Entre elas, 32% (16) são de Portugal, 22% (11) do Brasil, 20% (10) da Espanha, 16% (8) do México, 6% (3) da Colômbia e 4% (2) do Equador (*Gráfico 2*).



*Gráfico 2*

Referente ao tempo de prática (*Gráfico 3*), 38% (19) têm de 3-6 anos de prática, 22% (11) de 11-14 anos, 16% (8) de 7-10 anos, 16% (8) de 1-2 anos e 8% (4) menos de 1 ano.

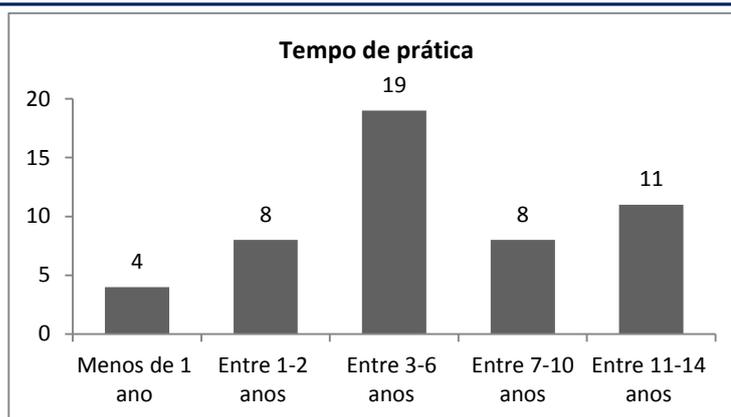


Gráfico 3

Os motivos que levaram essas mulheres a praticar Capoeira foram: liberdade para criar; influência de amigos/namorado; singularidade da modalidade; energia da modalidade; porque gosta de competição; porque é menos agressiva que outras artes marciais; porque envolve música; para aliviar o stress; porque é uma atividade muito completa; pelo ambiente que há nela; casualidade; por ser um desafio; para dar outra direção à sua vida; por sua beleza e plasticidade; porque é divertida; porque não é um esporte conhecido e comercial; pela cultura brasileira; para fazer exercício; curiosidade; por sua dinâmica; por sua história e porque envolvia dança. As respostas que mais se repetiram foram: por que envolve música, curiosidade e por sua beleza e plasticidade. Não se verificam aqui motivos mais comuns às artes marciais, como por exemplo, a autodefesa.

Sobre o que pensavam ser a Capoeira antes de começarem a praticá-la, as capoeiristas disseram: arte marcial; ginástica; dança; esporte; não conhecia; luta brasileira; mistura de dança, luta e cultura; exercício físico; atividade física com acrobacias e algo diferente. Entre estas respostas, as mais frequentes foram: em primeiro lugar, dança, seguido de arte marcial e esporte. Vemos aqui que o principal motivo para a escolha da prática da Capoeira é, numa visão geral da sociedade, uma atividade mais aceitável para as mulheres. Arte Marcial, em que a presença feminina é algo recente, vem em segundo lugar.

Após certo tempo de treinamento e conhecendo melhor a atividade, 78% (39) das entrevistadas mudaram sua opinião inicial sobre a modalidade em questão, enquanto 22% (11) continuaram tendo a mesma opinião (Gráfico 4). Nos seus diálogos, verificamos que a maioria delas se surpreendeu positivamente depois de algum tempo de treinamento e teve sua opinião sobre a atividade completamente modificada.

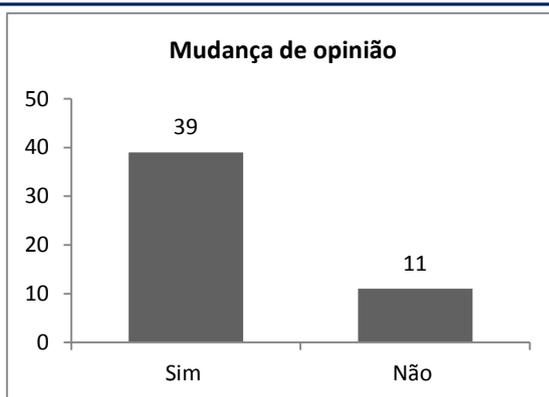


Gráfico 4

Na questão sobre se conhece alguma Mestra ou Contramestra de Capoeira (Gráfico 5), 72% (36) das capoeiristas entrevistadas dizem não saber da existência das mesmas e 28% (14) já ouviram falar. Porém, poucas as conhecem pessoalmente.

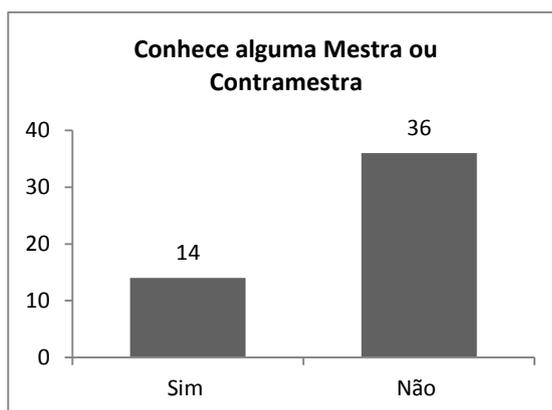


Gráfico 5

Sobre se há alguma Mestra ou Contramestra em seu grupo (Gráfico 6), 74% (37) dizem que não e as demais, 26% (13), dizem não saber. O discurso das capoeiristas deixa clara a dificuldade que há entre as mulheres em alcançar um grau avançado na modalidade, ou seja, apresentam dificuldades para romper determinadas fronteiras de gênero.

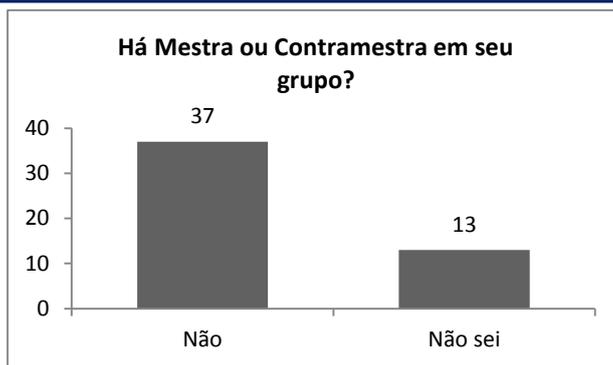


Gráfico 6

Quando interrogadas se conhecem histórias e/ou lendas de renomadas mulheres capoeiristas (Gráfico 7), 58% (29) dizem não ter conhecimento e 42% (21) dizem que sim. As que responderam afirmativamente obtiveram a informação através de *internet* e/ou ouviram algum comentário em aula. Muitas delas comentam que esse assunto deveria ser mais abordado em aula pelos professores.

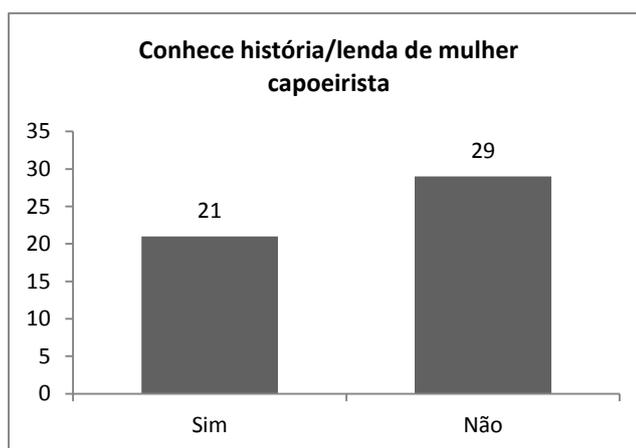


Gráfico 7

Referente às informações sobre a mulher capoeirista, 78% (39) acreditam que não há suficiente, 12% (6) acreditam que sim e 10% (5) não sabem, ou nunca procuraram (Gráfico 8).

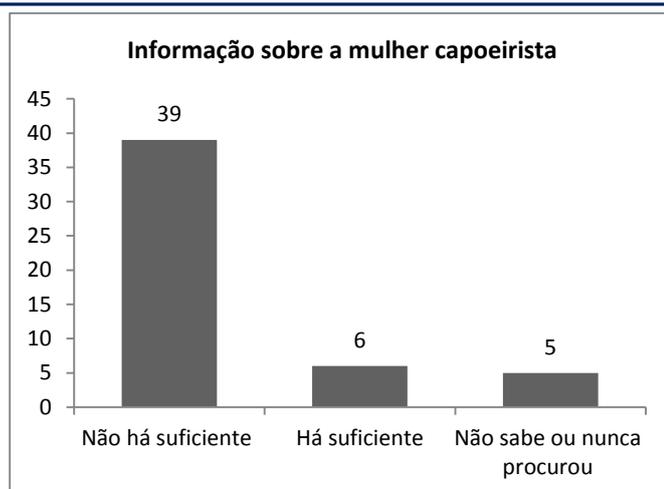


Gráfico 8

Nas duas últimas questões constatamos que há pouca informação sobre a mulher na Capoeira. Em geral, há pouca informação sobre a história da Capoeira e, com uma rápida consulta na *internet*, se verifica que o que se está publicando ultimamente tem pouco a ver com a presença feminina na modalidade.

Respondendo por que creem que as mulheres abandonam a Capoeira, elas disseram que: por falta de tempo; falta de motivação; por ter outras responsabilidades/prioridades; para cuidar da casa e filhos; porque pensam que perderão a sua feminilidade; porque é cansativo, duro; porque é violento; por que os namorados pedem; por falta de interesse; porque são fracas; frustração por não alcançar os objetivos, não conseguir evoluir; por sentirem-se inferiores; por sentirem-se pouco valorizadas; porque os movimentos são muito complexos; por que há muitas exigências (eventos, viagens, etc.); assédio por parte de professores e colegas capoeiristas; incompatibilidade de vida; por envolver-se sentimentalmente com capoeiristas (e depois terminar o namoro); por não aguentar a discriminação e por fofocas/intrigas.

As respostas que mais se repetiram foram: por ter que cuidar da casa e dos filhos, por falta de tempo, frustração por não conseguir alcançar os objetivos, por não conseguir evoluir e por falta de motivação. As duas primeiras justificativas vêm a concordar com Rolka (2004, p. 11-14) quando diz que, para muitas mulheres, a formação de uma família implica, de alguma forma, a redução de sua autonomia, e da possibilidade de “ser o que se quer ser”. O “não conseguir evoluir” está diretamente relacionado à “falta de motivação”, já que o professor deve saber como motivar seus alunos para que evoluam. Muitas vezes os alunos não percebem seu progresso e o papel do professor é também o de mostrar como isso ocorre. O que acontece com frequência na Capoeira é que as mulheres têm muitas dificuldades no seu componente acrobático e se desanimam por falta de motivação. Nesse aspecto, o público feminino deveria ser motivado a perceber todas as vertentes e possibilidades da Capoeira, entendendo que a parte acrobática não é a única e nem a mais importante.

Sobre a qualificação das tocadoras, cantadoras e compositoras na Capoeira, poucas entrevistadas acreditam que há muitas e boas. A grande maioria crê que são poucas e que os motivos para que isso ocorra são: por que não gostam; por vergonha; por pouca dedicação; por acomodação; falta de espaço; por que a mulher ainda está evoluindo na arte; não sabe; por falta de motivação; falta de oportunidade; porque há menos mulheres que homens na Capoeira; por que as mulheres são muito limitadas; por discriminação; por que não são valorizadas; por insegurança; por ter a autoestima baixa; por falta de incentivo da parte dos professores; porque o tom de voz não encaixa com o ritmo; porque não tem força para tocar (alguns instrumentos podem ser pesados ou muito duros); porque os homens monopolizam os instrumentos; porque deixam a capoeira muito cedo. Entre estas, as respostas mais frequentes foram: pouca dedicação, vergonha, falta de oportunidade e porque há menos mulheres que homens na Capoeira. No diálogo de muitas delas, foi possível averiguar que a pouca dedicação está relacionada à falta de oportunidade e acomodação. Já que os homens “monopolizam” a bateria, por que irão dedicar-se a aprender ou melhorar este aspecto se logo não terão oportunidade de tocar ou cantar? Também se pode constatar que algumas têm vergonha devido à discriminação e comentários maldosos de alguns homens.

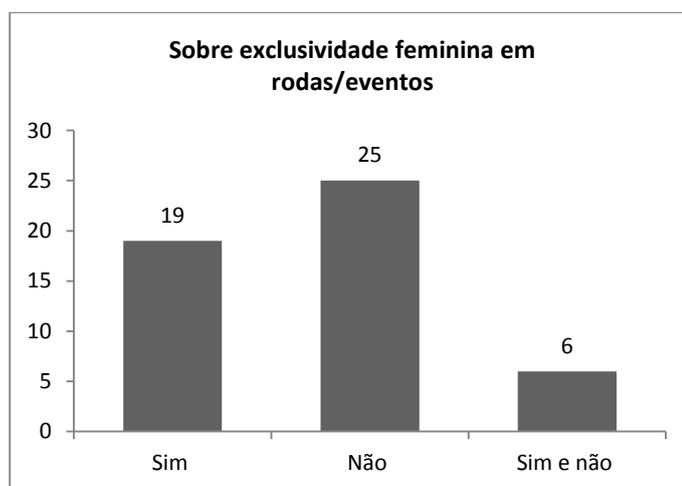


Gráfico 9

Na questão que trata da possibilidade de haver rodas ou eventos exclusivamente femininos (Gráfico 9), as opiniões dividem-se bastante. 50% (25) opinam que não deveria haver, 38% (19) dizem que sim e 12% (6) dizem que sim e não ao mesmo tempo. As que opinam que não, dizem que excluiria ainda mais as mulheres e que a Capoeira não foi criada para segregar e sim, unir. As que acreditam que sim, afirmam que tais espaços diferenciados entre os sexos serviriam para as mulheres conhecerem outras mulheres e sentirem-se inspiradas; para poderem mostrar seu trabalho; para motivar outras mulheres; para que cresçam; para que ganhem mais confiança; para sentirem-se mais à vontade e as que opinam

que sim e não, dizem que seria bom para as mulheres terem mais liberdade e oportunidade para jogar e aparecer, mas que não deveria ser assim.

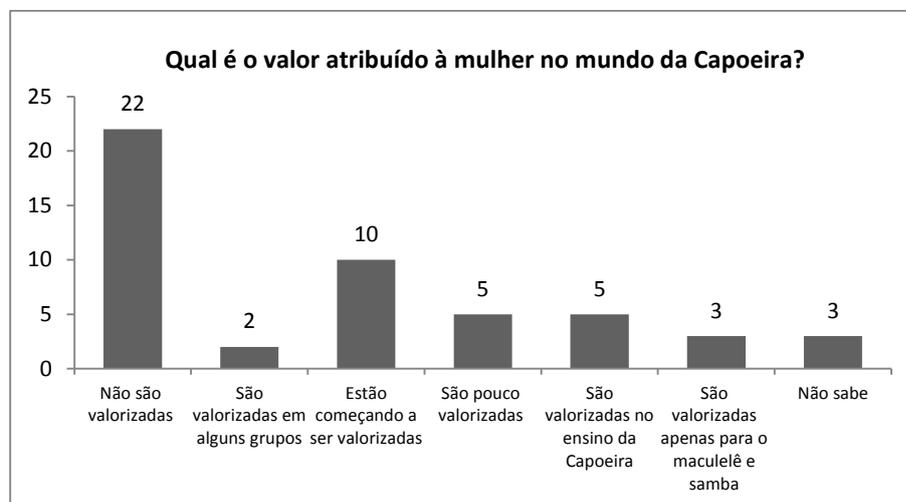


Gráfico 10

Sobre o valor atribuído às mulheres na Capoeira (Gráfico 10), 44% (22) disseram que não são valorizadas, 20% (10) que estão começando a ser, 10% (5) que não são, 10% (5) que são valorizadas no ensino da Capoeira, 6% (3) disseram não saber, 6% (3) que são estimadas apenas para ensinar maculelê e samba de roda e outros 4% (2) que são valorizadas somente em alguns grupos. Uma delas comenta que em seu país (México) nunca houve um curso ministrado por uma mulher. As falas das capoeiristas sugerem que para que elas fossem mais valorizadas, deveria existir mais pesquisa e informação sobre a Capoeira feminina e os grupos teriam que acreditar mais nelas, deixando que ministrassem cursos e que participassem mais na administração e decisões dos grupos.

A partir desta primeira análise das categorias “Identificação e Introdução na modalidade” e “Valorização e desempenho da mulher na Capoeira”, foi possível ter uma noção mais geral sobre o que as capoeiristas da atualidade pensam sobre a Capoeira e sua participação nesse âmbito.

### Considerações finais

Na arte-luta Capoeira, a participação das mulheres não é menos importante e paulatinamente está se solidificando e também contribuindo para seu desenvolvimento. Neste estudo, constatamos que as questões referentes ao gênero também têm pendências e devem ser discutidas no meio capoeirístico, assim como nos demais esportes. Durante muitos anos as mulheres foram proibidas de participar em atividades esportivas e mesmo depois de que se começara a permitir sua participação em tais atividades,

a situação não melhorou como deveria. A mulher sofreu, e ainda sofre, com o preconceito da sociedade e podemos dizer que esta situação se agrava quando se trata de modalidades de luta ou artes marciais.

Averiguou-se que ainda existem muitas fronteiras de gênero para as mulheres romperem no contexto da Capoeira. Muitas delas são solidificadas pelas próprias capoeiristas, que se discriminam e subestimam pela falta de apoio e/ou motivação dos seus mestres, locais de trabalho e da sociedade de forma geral ou porque pensam que não devem praticar e aprender uma arte marcial e/ou autodefesa, achando que isso as poderia tornar menos femininas. No entanto, os discursos das capoeiristas também apontam para a existência de preconceito por parte dos homens dentro da Capoeira.

Conforme expõe Bruhns (2000), essa modalidade ainda é um mundo masculino em que a mulher se sente permitida a participar. O preconceito ocorre não apenas no jogo da Capoeira, mas também na hora de tocar os instrumentos ou cantar. Ferreti; Knijnik (2007) afirmam que na Capoeira o preconceito advém de uma tradição masculina em sua prática devido à sua ambiguidade, que a torna uma rica manifestação cultural, mas também a reduz a luta marcial, um campo em que a participação das mulheres é recente. Já Mourão (2002) e Moraes e Silva; Fountoura (2011) argumentam que as mulheres que praticam os esportes classificados para os homens são rotuladas de masculinas, sofrendo preconceito da sociedade de uma forma geral. Talvez por esse motivo possamos perceber que nas lutas e artes marciais as mulheres não se centram tanto no combate e/ou na competição. Também vimos que a Capoeira, por conter o elemento dança, é mais bem aceita para o sexo feminino.

Esta é apenas uma parte de um estudo que está em desenvolvimento. Faz-se necessário seguir com as análises das demais categorias presentes na entrevista realizada para que se possa continuar discutindo e interpretando os problemas que ainda existem no que se refere à participação feminina no universo capoeirístico e para que, assim, se possa identificar qual é o lugar que a mulher ocupa atualmente nesta modalidade.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. J. S. (2005a). A mulher na capoeira. **Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies**, p. 9-28.

\_\_\_\_\_. (2005b) Capoeira: A gramática do corpo e a dança das palavras. **Luso-Brazilian Review**, 42 (1): 78-98.

BRUHNS, H. T. (2000). **Futebol, Carnaval e Capoeira**: Entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas: Papirus.

CALIL, L. E. S. (2000). **História do Direito do Trabalho da Mulher** – Aspectos Histórico-sociológicos do Início da República ao Final deste Século. São Paulo: LTR.

“CANGACEIRO”, R. (2012). **A mulher na Capoeira**. Disponível em: <<http://www.jogodemandinga.com/a-mulher-na-capoeira/>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

DEVIDE, F. P. (2004). A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. **Movimento**, 10 (2).

FARIAS, E. K. V. (2010). **Maria Felipa de Oliveira: heroína da independência da Bahia**. Salvador: Quarteto.

FERNANDES, C. C.; SILVA, P. C. C. (2009). Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas/SP. **Educação Física em Revista**, 2 (2).

FERRETI, M. A. de C.; KNIJNIK, J. D. (2007). Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento**, 13(1): 57-80.

GOELLNER, S. V. (2003). O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. **Labrys – Estudos feministas**, 4.

\_\_\_\_\_. (2004). Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: SIMÕES, A. C. ; KNIJNIK, J. D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph , p. 359-73.

JERÔNIMO “CAPOEIRA”. (2001). [Cevcapo-L] **Re: a mulher na Capoeira**. Centro Esportivo Virtual. Disponível em: <<http://www.listas.cev.org.br/cevcapoe/2001-05/msg00047.html>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

KNIJNIK, J. D. (2003). **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo: Mackenzie.

LOURO, G. L. (2004). **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes.

MELLO, K. **Orígen y Evolución de la Capoeira. Aspectos socioeducativos de su práctica en la actualidad**. Tese Doutoral (Departamento de Ciencias de la Actividad Física y Deportiva). León, España, 2010.

MENEZES, L. B. (s.d.). A mulher na Capoeira. **Revista Textos do Brasil – Capoeira**. Nº 14. Ministério das Relações Exteriores – Departamento Cultural. Brasília. Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/edicao-no-14-capoeira>> Acesso em: 10 mar. 2014.

MESSNER, M.; SABO, D. (eds.). (1994). **Sex, Violence & Power in Sports: Rethinking Masculinity** Santa Cruz, California, U.S.A. Crossing Pr.

MORAES E SILVA, M. (2008). **Entre a ilha deserta e o arquipélago: mapeamentos e cartografias das percepções de professores (as) sobre as masculinidades produzidas nas aulas de Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MORAES E SILVA, M; FONTOURA, M. P. (2011). Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 25 (2): 263-275.

MOURÃO, L. (2002). Vozes femininas e o Esporte Olímpico no Brasil. In: TURINO, M.; DACOSTA, L. (org.). **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, v. 1, p. 831-849.

NICHOLSON, L. (2000). Interpretando o gênero. **Revista de Estudos Feministas**, 8 (2): 9-41.

PIRES DE OLIVEIRA, J.; LEAL, L. A. P. (2009). **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. EDUFBA.

RAGO, M. (1998). Epistemologia feminista, Gênero e História. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. (orgs.). **Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade**. Ed. Mulheres, Florianópolis. p.

21-41.

ROLKA, G. M. (2004). **100 mulheres que mudaram a história do mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro.

SCHARAGRODSKY, P. A.; NARODOWSKI, M. (2006). Investigación educativa y masculinidades: más allá del feminismo más acá de la testosterona. In: NARODOWSKI, M.; BRAILOVSKY, D. **Dolor de escuela**. Buenos Aires: Prometeo. p. 107- 129.

SCOTT, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, 20 (2): 71-99.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, E. V. (2000). **Dicionário Mulheres do Brasil**. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

SOARES, C. (s.d.). **Músicas de Capoeira**. [Áudio], Brasil, v. I.